



**DENISE PEREIRA
MARISTELA CARNEIRO
(ORGANIZADORAS)**

O BRASIL DIMENSIONADO PELA HISTÓRIA 2



**DENISE PEREIRA
MARISTELA CARNEIRO
(ORGANIZADORAS)**

O BRASIL DIMENSIONADO PELA HISTÓRIA 2

Atena
Editora

Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Karine de Lima

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
 (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

B823 O Brasil dimensionado pela história 2 [recurso eletrônico] /
 Organizadoras Denise Pereira, Maristela Carneiro. – Ponta
 Grossa, PR: Atena Editora, 2020. – (O Brasil Dimensionado pela
 História; v. 2)

Formato: PDF
 Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader
 Modo de acesso: World Wide Web
 Inclui bibliografia
 ISBN 978-85-7247-915-8
 DOI 10.22533/at.ed.158201501

1. Brasil – História. 2. Brasil – Fronteiras. I. Pereira, Denise.
 II. Carneiro, Maristela. III. Série.

CDD 981.65

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Um Brasil, muitos “Brasis”. A própria necessidade de descrever o plural entre aspas aponta para o obrigatório caráter de singularidade que vem com definições como país, nação e território nacional. Entretanto, há algo de profundamente idealista, simplificador e até mesmo pueril a respeito dessa singularização obrigatória. Países, a final, são químicas de muitos compostos e processos, raramente fáceis de delinear.

O Brasil, como qualquer outro país, é produto de conflitos, tensões e representações. Ao mesmo tempo uma imposição de condições circunstanciais e da assimilação de discursos internalizados, o Brasil existe na mente de seus habitantes como uma abstração, uma identidade coletiva, antes de se colocar como uma linha mais coerente de ideias encadeadas. Um recorte geográfico gigantesco. Uma economia complexa. Uma emblemática coleção de territórios, paisagens emocionais, panoramas urbanos. Uma frustrante cadeia de problemas políticos, sociais e ecológicos. Uma história. Múltiplas histórias.

Pois todos os fios das lutas e idiossincrasias que unem para constituir a trama deste país, um quadro complexo, variado e repleto de contradições, não podem ser compreendidos senão como produtos e signos dos contextos históricos em que nasceram. A história oferece um conjunto único de lentes, que nos permite detectar e apreciar os intrincados desenhos que compõem essa rica trama. A história permite dimensionar (e tensionar) diferentes “Brasis”, possibilitando outros olhares e enquadramentos, que complexificam as narrativas que contam e ressignificam o próprio conceito de Brasil.

Economia. Política. Arte. Religião. Educação. Campos de ação que fracionam a experiência humana em unidades compreensíveis e manuseáveis, produzindo especialidades e, mais importante, especificidades. Pela mirada da história podemos vislumbrar cada um destes recortes por intermédio das trajetórias descritas e geradas pelos mesmos, permitindo-nos melhor apreciar as facetas e dimensões deste país. Diferentes campos convergem para construir uma narrativa que auxilie na construção da identidade brasileira, a qual encontra na história um horizonte orientador para suas lutas e desafios. Aqui, a história se torna a pedra de toque para a leitura de diferentes problemáticas, que em última análise se propõem a medir os impactos das ações humanas no tempo e, também, construir um futuro mais humano e com mais acertos.

Diante deste olhar na História, esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas pesquisas.

Boa leitura!

Denise Pereira
Maristela Carneiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
“O DIA EM QUE O CACIQUE” ENTOOU “UMA VOZ SOBERANA NO AR”: UM SAMBA DA VAI-VAI E DA NENÊ COMO LINGUAGEM DE PROTESTO EM TEMPOS SOMBRIOS	
Emerson Porto Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.1582015011	
CAPÍTULO 2	13
APONTAMENTOS HISTÓRICO-FILOSÓFICOS SOBRE AS ORIGENS E A DECADÊNCIA IDEOLÓGICA NAS CIÊNCIAS ECONÔMICAS	
Danne Vieira Silva	
DOI 10.22533/at.ed.1582015012	
CAPÍTULO 3	25
CEARENSES OU PIAUIENSES? REFLEXÕES SOBRE IDENTIDADE NA VILA DE AMARRAÇÃO NO LITORAL DO PIAUÍ NO FINAL DO SÉCULO XIX	
Marcus Pierre de Carvalho Baptista Francisco de Assis de Sousa Nascimento Elisabeth Mary de Carvalho Baptista	
DOI 10.22533/at.ed.1582015013	
CAPÍTULO 4	37
CAMINHOS DA HISTÓRIA INDÍGENA: TEORIAS, METODOLOGIAS E PRÁTICAS	
Éder da Silva Novak Maria Simone Jacomini Novak	
DOI 10.22533/at.ed.1582015014	
CAPÍTULO 5	47
CENTRO DE MEMÓRIA E DE PESQUISA HISTÓRICA DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS (1989-2009): 20 ANOS DE HISTÓRIA	
Marina Carolina Rezende Costa	
DOI 10.22533/at.ed.1582015015	
CAPÍTULO 6	58
JUSTIÇA ESTATAL E JUSTIÇA NEGOCIADA: FURTO DE GADO, AÇÃO PENAL E JUSTIÇA NÃO ESTATAL NO BRASIL (1860- 1899)	
Lucas Ribeiro Garro Lourenço	
DOI 10.22533/at.ed.1582015016	
CAPÍTULO 7	70
INTERFACE ENTRE FOUCAULT E BUTLER: CAMINHOS PARA SE PENSAR OS CORPOS, SEXUALIDADES/GÊNEROS, PRÁTICAS DE SI, E RESISTÊNCIAS	
João Marcelo de Oliveira Cezar	
DOI 10.22533/at.ed.1582015017	
CAPÍTULO 8	80
MARANHÃO, A ÚLTIMA CRUZADA ENCANTARIA SEBASTIÂNICA E ESCRITOS CAVALEIRESCOS MEDIEVAIS	
Marcus Baccega	

DOI 10.22533/at.ed.1582015018

CAPÍTULO 9 95

HISTÓRIA PÚBLICA E PATRIMÔNIO EM PAULO FRONTIN - PR

[Welerson Fernando Giovanoni](#)

[Michel Kobelinski](#)

DOI 10.22533/at.ed.1582015019

CAPÍTULO 10 110

O POBRE: AS REPRESENTAÇÕES DA POBREZA NA IMPRENSA DE JUIZ DE FORA EM FINS DO SÉCULO XIX

[Iolanda Chaves Ferreira de Oliveira](#)

DOI 10.22533/at.ed.15820150110

CAPÍTULO 11 119

OS FRANCISCANOS E OS GENTIOS NO BRASIL COLONIAL – A SERVIÇO DA FÉ E DA COROA

[Peter Johann Mainka](#)

DOI 10.22533/at.ed.15820150111

CAPÍTULO 12 148

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL “POR DENTRO DA HISTÓRIA”: UM GUIA PARA A METODOLOGIA?

[Francilene Ramos Lourenço Soares](#)

DOI 10.22533/at.ed.15820150112

CAPÍTULO 13 157

A PRODUÇÃO FÍLMICA “ARAGUAIA: CAMPO SAGRADO” E A INTERPRETAÇÃO DE SUA NARRATIVA

[Marcondes da Silveira Figueiredo Júnior](#)

DOI 10.22533/at.ed.15820150113

CAPÍTULO 14 176

O PENSAMENTO ANARQUISTA NA IMPRENSA ANARQUISTA DURANTE AS CRISES DA DEMOCRACIA NO BRASIL

[Pedro Rachid de Paula Reino](#)

DOI 10.22533/at.ed.15820150114

CAPÍTULO 15 187

UMA BREVE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO LULISMO (2003-2010)

[Nathan dos Santos Alves](#)

DOI 10.22533/at.ed.15820150115

CAPÍTULO 16 198

A EDUCAÇÃO NO BRASIL E OS PACTOS DA BRANQUITUDE

[Adelina Malvina Barbosa Nunes](#)

[Margareth Diniz](#)

DOI 10.22533/at.ed.15820150116

CAPÍTULO 17	208
O ENSINO DA HISTÓRIA, ENTRE A PRODUÇÃO HISTORIOGRÁFICA E A CULTURA ESCOLAR	
Antonio Carlos Figueiredo Costa	
DOI 10.22533/at.ed.15820150117	
CAPÍTULO 18	217
O TRAÇADO DA GUERRA: A CARICATURA COMO ARMA NA GUERRA DO PARAGUAI (1864 – 1870)	
Theo de Castro e Carneiro	
DOI 10.22533/at.ed.15820150118	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	229
ÍNDICE REMISSIVO	230

O TRAÇADO DA GUERRA: A CARICATURA COMO ARMA NA GUERRA DO PARAGUAI (1864 – 1870)

Data de aceite: 05/12/2019

Theo de Castro e Carneiro

Universidade Federal de Minas Gerais

Belo Horizonte - Minas Gerais

RESUMO: Este artigo possui o objetivo de analisar como a caricatura se apresentou como forte aliada tanto para o Brasil, quanto para o Paraguai, no conflito bélico que envolveu os dois países entre os anos 1864 a 1870. Para tanto, serão objetos de análise periódicos publicados nesse período, como: *El Centinela* (1867); *Cabichuí* (1867-1868); *Semana Ilustrada* (1860-1875) e *Paraguay Ilustrado* (1865). Além de um corpus documental composto por impressos, a pesquisa também se baseou na recente historiografia referente ao tema. A presente análise realizou-se dentro da perspectiva da história social, em que se buscou uma compreensão mais abrangente da forma como o objeto de estudo impactou e foi impactado pela contingência social da época. A análise leva em consideração, também, a relevância e influência da imprensa como agente passivo e ativo nas instâncias políticas e culturais de uma sociedade. Dentro dessa perspectiva, o foco

se estabelece na sociedade brasileira, como também na imprensa e suas relações com o governo e o discurso oficial. Nesse sentido, a perspectiva paraguaia não é negligenciada e, dessa forma, a comparação entre os periódicos dos dois países se mantém constante ao longo da análise. Assim, a pesquisa é composta pela análise da forma como a relação entre vivência, perspectiva, imaginação e alteridade construiu as representações que ilustraram a Guerra para o povo.¹

PALAVRAS-CHAVE: Guerra do Paraguai, caricatura, periódicos.

THE WAR OUTLINE: THE CARICATURE AS A WEAPON IN PARAGUAYAN WAR (1864 – 1870)

ABSTRACT: This paper aims to analyze how the caricature presented itself as a strong ally for both Brazil and Paraguay, in the war conflict that involved the two countries between 1864 and 1870. Therefore, periodicals published during this period will be the object of analysis, such as: *El Centinela* (1867); *Cabichuí* (1867-1868); *Semana Ilustrada* (1860-1875) and *Paraguay Ilustrado* (1865). In addition to a documentary corpus composed of printed matter, the research was also based on recent historiography about

1 Artigo apresentado na modalidade Simpósio Temático 24 – “De crise a crise: nação, política, sociedade e cultura no Brasil Oitocentista” do VIII Encontro de Pesquisa em História, realizado entre os dias 13 e 17 de maio de 2019, na Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

the subject. The present analysis took place within the perspective of social history, which sought a broader understanding of how the object of study impacted and was impacted by the social contingency of that time. The analysis also considers the relevance and influence of the press as a passive and active agent in the political and cultural instances of a society. Within this perspective, the focus is established in Brazilian society, as well as in the press and its relations with the government and the official discourse. Following, the Paraguayan perspective is not neglected and, thus, the comparison between the journals of the two countries remains constant throughout the analysis. Therefore, the research is composed by analyzing how the relationship between experience, perspective, imagination and otherness built the representations that illustrated the War for the people.

KEYWORDS: Paraguayan War; caricature; journals.

A criação da imprensa é considerada por muitos uma verdadeira revolução no sentido estrito da palavra, ou seja, foi uma modificação completa na relação que se estabelece com a cultura escrita. Outros, consideram-na um marco histórico na forma de expressão humana e nas relações de trabalho existentes na produção e distribuição da literatura e outras obras, sendo considerada a revolução matriz da vida em sociedade e todos aspectos políticos e culturais que a definem.

O que pode se observar é que os periódicos inauguraram um extraordinário poder de penetração social, em que o ambiente de circulação de suas palavras não se limitava aos letrados e, portanto, chegava a todos os setores sociais, influenciando em seus projetos políticos e na construção de sua cultura. Nesse sentido, a opinião pública era construída e reconstruída nos e através dos periódicos, sendo que ideias e projetos políticos eram defendidos em suas páginas e influenciavam de maneira direta as decisões que eram tomadas em uma sociedade.

No Brasil, a chegada e a difusão da imprensa foram responsáveis pela intensificação do contato entre os diferentes indivíduos constituintes do círculo comunicacional e pelo aumento da velocidade de circulação de informações. Esse processo tem sua origem na transferência da Corte portuguesa para o Brasil em 1808. A partir daqui, intensas transformações modificaram todas as instâncias da sociedade colonial do século XVIII. Entre elas, a improvisada instalação da Imprensa Régia no Rio de Janeiro apresentou-se como uma estratégia de continuidade dessa impressão, agora em território colonial; mas mais do que isso, significa o começo de uma nova era para o nosso país.

Apesar das restrições impostas pela Coroa em relação à circulação de informações, como a proibição de universidades no território colonial, as recentes instalações gráficas encontraram ambiente fértil para a propagação de suas produções. As gazetas fomentaram uma maior participação da população na vida pública ao divulgar informações e notícias oficiais. Dessa forma, arquitetou-se a construção de um espaço coletivo no qual a opinião pública se manifesta e influencia de maneira

direta os rumos tomados pela sociedade. Ao se libertarem do modelo estrito das gazetas tradicionais, em 1821 com o fim da censura prévia (BARBOSA, 2010, p. 38), os periódicos brasileiros fortaleceram ainda mais a divulgação de notícias dotadas de parcialidade e de opiniões explícitas.

Dotada de uma perspectiva ilustrada, a imprensa se estabeleceu como importante empresa educativa sob o discurso de construção do progresso e esclarecimento da população e, portanto, foi instrumento substancial de discussão política e cultural, influenciando de maneira direta os costumes e a moral pública. Assim, a inauguração da imprensa no Brasil representa nascimento de uma ferramenta que tratou de organizar e difundir o debate político em meio a um ambiente fervoroso de transformações; que deu voz a novos atores políticos e espaço de participação a setores sociais antes excluídos; que teve papel fundamental no desenvolvimento comercial do país; que tornou possível ampliar as fronteiras do conhecimento de mundo da população etc. Ou seja, a imprensa foi elemento essencial na conjuntura político-social do século XVIII, bem como de épocas posteriores, de modo que a efetiva compreensão e interpretação desse período da história do Brasil só se faz possível na medida em que a imprensa é colocada como pilar da construção dessa análise.

A alteridade², por sua vez, apresenta-se como elemento fundamental no entendimento da construção imagética subjetiva. Esse processo demonstra como a idealização da imagem do “outro” parte da concepção do “eu” na sua forma individual. Ou seja, compreender um ambiente e seus indivíduos encontra uma relação de dependência com aquilo que (acreditamos que) nos define.

Na Guerra do Paraguai, essa perspectiva foi a base da elaboração de representações do inimigo. Nesse sentido, a caricatura tem valor substancial, já que é capaz de evidenciar visualmente a concepção simbólica do “outro” ao ilustrar os periódicos.

A palavra “caricatura” tem sua etimologia no italiano: *caricare*³ significa carregar, no sentido de exagerar, aumentar algo em proporção. Assim, apresenta-se como um desenho que tem como objetivo exagerar ou enfatizar certas características da figura representada. Esse modelo de ilustração apresenta a possibilidade de representação de uma visão de mundo em que a comicidade é a principal estratégia da desconstrução da grandeza de uma figura.

Tendo em vista que no Brasil, “a fotografia ainda era privilégio de raras pessoas, mesmo entre as mais abastadas” (SILVEIRA, 1996, p. 45), o uso da caricatura causou grande exaltação na população. Além disso, deve-se levar em consideração o alto número de analfabetos: “o primeiro recenseamento da história brasileira, datada de 1872, mostra um índice de apenas 15,75% de alfabetização nos 9 930 478 habitantes” (SILVEIRA, 1996, p. 45). Desse modo, o uso dessas imagens teve impacto significativo

2 Conceito baseado nas definições de Thereza Baumann (1992) e Todorov (1982).

3 Cambridge Dictionary online: PESO(mettere) –to load; FIGURATIVE(esagerare) –to exaggerate; disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/italiano-ingles/caricare>

na imprensa, no imaginário popular e na opinião pública.

Levando em consideração o supracitado, a Guerra do Paraguai foi o maior conflito armado internacional da América do Sul. Esse acontecimento foi elemento definidor do futuro militar, político e social de todos os países beligerantes. Ocorrida entre dezembro 1864 e março 1870, a Guerra foi travada entre Paraguai e a Tríplice Aliança (Argentina, Brasil e Uruguai).

Apesar da vitória, a Guerra foi responsável por revelar a contradição militar-estrutural do Império brasileiro com a presença da escravidão que ainda definia seu sistema social e econômico. Além disso, o desequilíbrio orçamentário causado pelos excessivos gastos financeiros com o conflito foi responsável por enfraquecer ainda mais os pilares de sustentação do Império que cada vez mais se afundava em suas contradições e problemáticas.

Na historiografia, a Guerra é compreendida atualmente como “fruto das contradições platinas tendo como razão última a consolidação dos Estados nacionais na região” (DORATIOTO, 2002, p.95). Entretanto, as abordagens mais tradicionais deram destaque às análises patrióticas de defesa das ações do Império brasileiro e que colocavam o governante paraguaio Solano López como o principal responsável pelo conflito. Esse discurso traçou a forma como a maior parte da imprensa noticiou o conflito para a população que se encontrava longe da frente de batalha. Além da defesa e elogio das ações políticas e militares da Coroa, o ataque direto ao inimigo paraguaio compunha as páginas de jornais como o *Semana Illustrada* (1860-1875).

Para compreender como a caricatura se insere dentro da Guerra do Paraguai é preciso levar em consideração que os combates ocorreram não somente em terra e mar. Na verdade, o sangue derramado selou uma mancha permanente na memória de civis e soldados envolvidos nesse conflito. Assim, a relação entre vivência, perspectiva e imaginação construiu as representações que ilustraram a Guerra para o povo.

Essas representações, segundo o historiador Roger Chartier (1988), estão inseridas em um campo de competições que giram em torno de relações de poder e dominação. Portanto, é impossível analisar integralmente as caricaturas produzidas por periódicos brasileiros e paraguaios que ilustram o conflito, sem levar em consideração como era a relação entre os países beligerantes, seus projetos políticos, suas motivações e desejos. Esses elementos constituem como as apropriações de significado são construídas e, posteriormente, utilizadas ou impostas.

Tendo em vista esse panorama, as caricaturas da Guerra do Paraguai não se afastaram de uma significativa mudança nas práticas sociais, “ao contrário, seu papel procurou evidenciar a manutenção da ordem vigente, especialmente através da criação de personagens estereotipados, validando preconceitos” (PAULA, 2011, p. 125). Essas ilustrações demonstram como os cartunistas se apropriavam de significações para sua produção. Desse modo, estereótipos e construções imagéticas dividiam espaço em outros dois campos de batalha: o papel e a opinião pública.

Segundo Marco Morel (1998), a opinião pública pode ser vista como um “recurso

para legitimação de práticas políticas, como operação simbólica de transformar opiniões individuais ou setoriais em opinião geral” (MOREL, 1998, p. 93). Nesse sentido, pode-se observar que os períodos brasileiros, em sua maioria, buscaram se alinhar ao discurso oficial sobre o conflito. Assim, o que se buscava era uma adesão coletiva ao discurso oficial com o objetivo de construir legitimidade para as decisões políticas.

O que pretendo destacar, portanto, são as semelhanças e diferenças entre as produções paraguaias e brasileiras dentro desse contexto e que se tornam evidentes a partir de uma análise comparativa. Esses elementos, como apresentado anteriormente, estão inseridos na forma como esses países se relacionavam. A inserção dos caricaturistas em uma certa realidade sócio-política, por sua vez, direciona a forma como suas ideias e projetos serão ilustrados.

Nesse sentido, o primeiro elemento que merece destaque é a representação do Paraguai nos periódicos brasileiros produzidos sob a égide do discurso oficial. Essa perspectiva conduz à caracterização do Paraguai como um lugar inóspito povoado por uma população primitiva e transfigurada. A imagem do Brasil, por sua vez, é construída por esses periódicos tendo como base as influências do romantismo europeu. Assim, o índio – até mesmo, dotado de uma armadura medieval – é apresentado como personificação do Império, em que, ao mesmo tempo, protege e exalta aquele país paradisíaco povoado por um povo livre e patriótico.



Imagem 1: Brasil e Paraguai pela ótica da representação.

Legenda: “A Liberdade e a Opressão – Enquanto o Brasil recruta guerreiras que, nos campos de batalha, vão servir de vivandeiras, estimular a coragem, recompensar os feitos de bravura, animar os feridos, percorrer as enfermeiras, preparar os cartuchos, rir da metralha e zombar dos canhões; rufando o tambor... O López está recrutando velho, velhas e crianças, que emprega como instrumentos de guerra, sem receio de que se convertam em reses destinadas aos matadouros”. *Semana Ilustrada*, 03 de setembro de 1865; p. 1972.

As produções paraguaias, por sua vez, fazem referência ao Brasil por meio de duas estratégias principais. Uma delas é a constante alusão à fragilidade da aliança entre os países inimigos: Brasil, Argentina e Uruguai, personificados em notáveis lideranças política e militar, brigam entre si nas páginas de periódicos paraguaios como o *Cabichuí* (1867-1868) e *El Centinela* (1867). A composição étnica do exército brasileiro é o principal alvo da segunda estratégia. O contingente de mestiços e negros que compunham as tropas imperiais brasileiras superava com enorme diferença a quantidade desse mesmo grupo no exército paraguaio. Esse fator foi suficiente para as ferrenhas críticas à herança monarquista e escravocrata do Brasil. Dessa forma, o objetivo de construir uma imagem de superioridade militar paraguaia se originava do preceito da “hierarquia racial”.



Imagem 2: As desavenças da Tríplice Aliança.

El Centinela, 1868.



Imagem 3: A figura do escravo combatente nos periódicos paraguaios.

Legenda: “O escravo, apresentado como um covarde por natureza, não precisa ouvir o barulho de um canhão para ser amedrontado, basta ouvir o barulho de um chicote.” (Tradução livre). Cabichuí, 1867.

A construção da imagem do inimigo é fundamental na sustentação de um discurso sobre esse antagonismo. Assim, para fortalecer a opinião pública a favor de seu posicionamento na Guerra, os países beligerantes procuraram esboçar a figura desse inimigo. Nesse sentido, líderes políticos e militares integraram diversas caricaturas paraguaias e brasileiras.

D. Pedro II era a figura mais frequente nos periódicos paraguaios quando a intenção era fazer alusão ao Império brasileiro. Algumas lideranças militares brasileiras também estão presentes nas ilustrações, porém, o semblante do Imperador é utilizado como personificação de toda aquela nação. Aqui, aparece uma das estratégias mais interessantes de construção imagética: a animalização. Essas figuras antropozoomórficas se mostra extremamente eficiente, na medida em que ela expõe a conformação dos valores culturais daquela sociedade. Apresentar D. Pedro II ou outras lideranças como um macaco não é pura técnica visual. Pelo contrário, essa escolha é reflexo dos efeitos causados pelas relações de poder inseridas dentro de um campo de competição, como defendido por Chartier, e que vai muito além do campo de batalha.

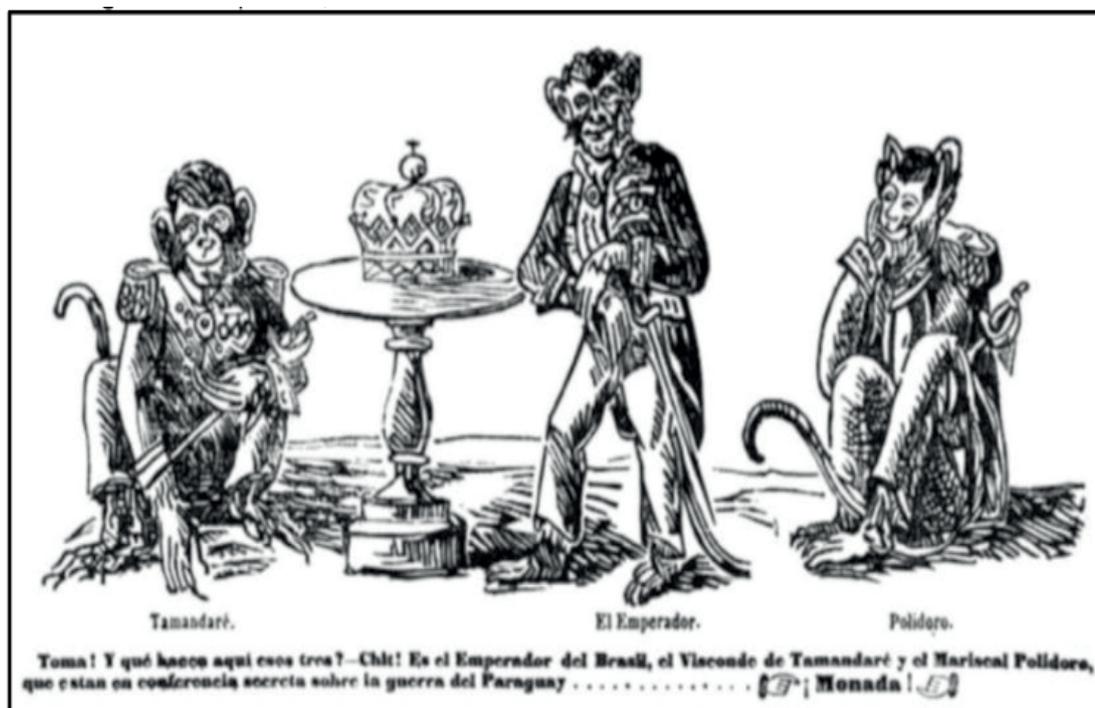


Imagem 4: O imperador, o almirante Tamandaré e o General Polidoro como macacos.

El Centinela, 1867.

No que diz respeito aos periódicos brasileiros, o discurso oficial encontra sua visibilidade máxima ao retratar o inimigo paraguaio. Tendo em vista que no Tratado da Tríplice Aliança assinado em 1º de maio de 1865 o inimigo é definido, reiteradamente, como o “governo do Paraguai”, Solano López apresenta-se como a sua personificação. Sendo este o representante máximo do governo, López será retratado constantemente como a figura central da deflagração e da longevidade do conflito. Certas ambiguidades compuseram suas representações de forma que, ao mesmo tempo em que era manifestado um caráter cruel e tirano, sua imagem era ridicularizada e desproporcional. A animalização encontra-se presente também nos periódicos brasileiros, demonstrando o olhar subjetivo dessa nação sobre aquele que foi definido como o antagonista na história oficial.

É importante destacar como a figura desumana de Solano López ainda está presente no nosso imaginário, ao mesmo tempo em que a nação paraguaia o considera um herói. Esse fato torna mais evidente como os resultados das relações de dominação são maleáveis dentro do contexto de cada integrante desse processo.



Imagem 5: Solano López é representado como a personificação do inimigo.

Legenda: “O Nero do Século XIX – Projeto de Monumento que os paraguaios reconhecidos pretendem erigir a Francisco Solano López (cópia de um desenho remetido de Assunção).”

A Vida Fluminense, 06 de novembro de 1869; p. 1046.

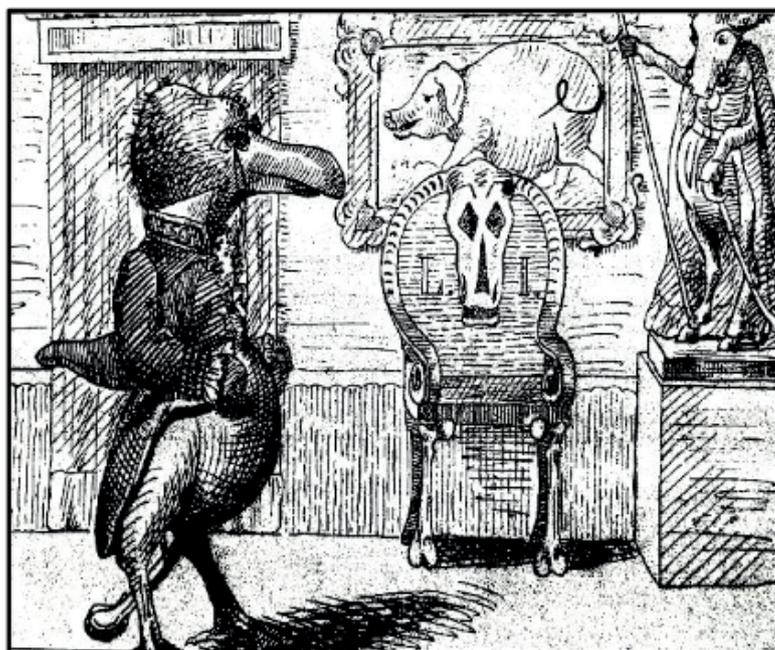


Imagem 6: A animalização utilizada como estratégia visual de persuasão.

Legenda: “López visitando a coleção zoológica de retratos de seus idolatrados parentes.” Paraguay Illustrado, 13 de agosto de 1865; p. 11.

Destaco, por fim, a aplicação de uma lógica maniqueísta nas caricaturas brasileiras, fundamentadas, principalmente, pela doutrina cristã (religião dominante em todas as instâncias sociais naquele período). Nesse sentido, Solano López, representado como uma figura diabólica provinda de um território infernal, é exorcizado por representantes

de um país civilizado e paradisíaco. Considerando essa perspectiva, é visível como construiu-se, a partir do discurso oficial, um desejo nacional de extermínio do governante paraguaio. Assim, sendo a encarnação do diabo e, ao mesmo tempo, do principal inimigo, a Guerra terminaria somente com sua morte e seu retorno ao inferno.



Imagem 7: O fim do conflito é celebrado com a morte do inimigo, Solano López.

Legenda: “Profecia – Judas López, apanhado depois da derrota dos paraguaios e da tomada de Assunção, fica elevado pelos soldados brasileiros à altura que lhe compete.” *Semana Illustrada*, 16 de abril de 1865; p. 1819.



Imagem 8: Com o fim da guerra, a morte de Solano apresenta-se como um destino inevitável.

Legenda: “Profecia! – López, depois de ver destruída a sua força, encontra-se no campo de batalha com: o fim da guerra, a morte. Assustado, trêmulo, está ouvindo a voz rouca, acompanhada do riso diabólico do fantasma, que surge diante dos seus olhos e lhe diz: Basta; Delenda Paraguai!” *Semana Illustrada*, 18 de agosto de 1867; p. 2792.

Tendo em vista a defesa de Heloisa de Faria Cruz e Maria do Rosário da Cunha Peixoto de que o estudo dos meios de comunicação deve ser deslocado também para o campo da história social, podemos compreender o objeto escolhido em toda sua abrangência ao “trazer para cada conjuntura e problemática que se investiga os desdobramentos teóricos e metodológicos que ela encaminha” (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p. 257). É nesse sentido que reafirmo como a análise do universo de caricaturas aqui apresentado evidenciam diversas minúcias existentes entre Brasil e Paraguai nesse contexto. Mais do que isso, essas relações caracterizam-se como dialéticas, na medida em que a elaboração dessas ilustrações foi definida por elas, ao mesmo tempo essas produções as reconstruíram. Nessa perspectiva, o poder da imprensa se mostra, novamente, como algo extraordinário, já que é essa particularidade que a define como um produto social capaz de influenciar as mudanças sociais de maneira constante e incisiva.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa: Brasil – 1800-1900**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

BAUMANN, Teresa. In.: Vainfas, Ronaldo (org), **América em Tempo de Conquista**. Rio de Janeiro, Zahar, 1992.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Memória e Sociedade. 2ª edição. Alges – Portugal: Difel, 2002.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. **Na Oficina Do Historiador: Conversas Sobre História e Imprensa**. Projeto História, São Paulo, n.35, dez. 2007, p. 253-270.

GARCIA, Gabriel Ignácio. As representações da Guerra do Paraguai por meio do periódico “Paraguay Ilustrado” (1865). In: **XIº Seminário de Pesquisa em Ciências Humanas**. Maringá: Anais do XIº SPCH, v. 2, n. 4, 2016, p. 70 – 80. Disponível em: http://www.uel.br/eventos/sepech/arqtxt/ARTIGOSANAIS_SEPECH/gabrielgarcia.pdf

MOREL, M. Em nome da Opinião Pública: a gênese de uma noção. In: MOREL, Marco. **As Transformações dos Espaços Públicos. Imprensa, atores políticos e Sociabilidades na Cidade Imperial (1820-1840)**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

PAULA, Edgley Pereira de. A Imprensa vai à Guerra do Paraguai. O uso da caricatura como arma de guerra no século XIX. In: **Albuquerque: Revista de História**, Campo Grande, MS, v. 3 n. 6 p. 115-128, jul./dez. 2011.

REIS, Maria de Lourdes Dias. **IMPrensa EM TEMPO DE GUERRA: O JORNAL “O Jequitinhonha” e a Guerra do Paraguai** – Belo Horizonte: Cuatiara, 2003. 4.ed. 2008.

SILVEIRA, Mauro César. **A batalha de papel: a charge como arma na guerra contra o Paraguai** – Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2009.

TZVETAN, Todorov. **A Conquista da América**. New York: Harper Torchbooks, 1982.

Fontes:

Acervo da Biblioteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional:

Semana Ilustrada (1860 – 1875) – disponível em:

<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/semana-illustrada/702951>

Paraguay Ilustrado (1865) – disponível em:

<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/paraguay-illustrado/760005>

A Vida Fluminense (1868 – 1875) – disponível em:

<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/vida-fluminense/709662>

Acervo digital de La Biblioteca Nacional del Paraguay:

Cabichuí (1867-1868) – disponível em:

<http://bibliotecanacional.gov.py/hemeroteca/coleccion-cabichui-del-n-1-al-n-55/>

<http://bibliotecanacional.gov.py/hemeroteca/coleccion-cabichui-del-n-56-al-n-95/>

El Centinela (1867) – disponível em:

<http://bibliotecanacional.gov.py/hemeroteca/el-centinela-1867/>

SOBRE AS ORGANIZADORAS

Denise Pereira - Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Especialista em Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento. Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)

Maristela Carneiro - Pós-Doutoranda pela Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná – Unicentro. Doutorado e Pós-Doutorado em História pela UFG e pela UFMT, respectivamente. Docente do curso de História na Universidade Estadual de Ponta Grossa.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Ação Penal 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67
Amarração 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35
Análise de políticas públicas 187
Anarquismo 176, 177, 178, 182, 184, 185
Anarquista 176, 177, 178, 179, 181, 182, 185
Araguaia-Campo Sagrado 157

B

Branquitude 198, 199, 200, 201, 202, 206

C

Caricatura 217, 219, 220, 227
Caridade 110, 114, 115, 117, 118
Carnaval 1, 3, 4, 5, 6, 9
Ceará 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36
Colonização 19, 39, 80, 82, 83, 84, 93, 119, 124, 128, 133, 134, 136, 146, 199, 202, 215
Crise 112, 145, 176, 179, 181, 185, 213, 217
Crítica da Economia Política 13, 24
Cultura histórica 208, 210, 212

D

Democracia 9, 10, 176, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 194, 211
Discurso Econômico 13, 14, 23, 24

E

Economia Política 13, 18, 21, 22, 23, 24
Educação 37, 43, 44, 45, 78, 79, 96, 102, 106, 108, 115, 119, 126, 136, 144, 145, 146, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 182, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 200, 201, 202, 203, 204, 206, 211
Educação patrimonial 108, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156
Encantaria 80, 81, 82, 85, 86, 87, 88, 91, 93, 94
Ensino de História 1, 4, 43, 44, 106, 107, 215
Escola de samba 1, 3, 4, 5, 6

F

Filme 157, 159, 166, 169, 175

G

Golpe 176, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 211
Guerra do Paraguai 217, 219, 220, 227

Guerrilha do Araguaia 157, 158, 161, 164, 175

Guia básico de educação patrimonial 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155

H

História da Educação 187, 191, 195, 201

História do Brasil Colonial 119

História do Direito 58, 63, 64, 65, 67, 68

História do Processo Penal 58, 63

História local 95, 148, 156

Historiografia 4, 25, 28, 37, 62, 63, 112, 136, 137, 141, 144, 162, 179, 208, 212, 215, 217, 220

I

Identidade 3, 5, 6, 7, 25, 26, 27, 28, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 42, 48, 49, 70, 72, 73, 78, 96, 97, 98, 104, 118, 175, 198, 199, 209, 210, 215

Ideologia 13, 14, 15, 17, 20, 23, 24, 27, 32, 113, 116, 117, 178, 199, 203, 216

Indígenas 3, 9, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 119, 120, 121, 122, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 183, 199, 202

J

Judith Butler 70, 71, 73, 75, 77, 78, 79

L

Legislação 60, 66, 133, 139, 141, 142, 187

Lulismo 187, 188, 189, 191, 194

M

Maranhão 25, 32, 34, 80, 81, 82, 83, 85, 86, 87, 88, 89, 91, 93, 94, 119, 144, 145

Matéria Cavaleiresca Alemã 80

Memória 4, 36, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 85, 86, 96, 97, 98, 100, 102, 106, 108, 109, 149, 151, 152, 154, 156, 157, 158, 161, 162, 164, 167, 169, 172, 174, 175, 212, 214, 215, 220, 227

Michel Foucault 70, 71, 72, 74, 78

Missão 119, 120, 122, 123, 124, 125, 129, 131, 143, 144, 192

N

Negociações 38, 39, 58, 63, 64, 66, 67

O

Ordem de São Francisco (OFM) 119

P

Periódicos 28, 31, 65, 98, 180, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224

Pesquisa 25, 28, 37, 38, 43, 44, 45, 47, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 63, 64, 65, 66, 72,

92, 95, 96, 98, 100, 101, 102, 103, 105, 106, 107, 148, 150, 158, 164, 174, 176, 178, 180, 184,
185, 187, 188, 192, 196, 198, 199, 201, 203, 204, 205, 208, 213, 217, 227

Piauí 25, 26, 28, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 36

Pobreza 110, 111, 113, 114, 116, 177, 189, 190

Política Educacional 187

R

Racismo 7, 198, 199, 200, 201, 202, 204, 205, 206, 212

Regime militar 9, 10, 157, 158, 164, 174

S

Samba enredo 1, 2, 3, 4, 5, 6, 11

Subjetividade 198, 200

T

Teoria Queer 70, 71, 72, 73, 75, 78, 79

Transição ao capitalismo 13

 **Atena**
Editora

2 0 2 0